

# A CRIANÇA DO CHÃO DE FÁBRICA CLAMA POR UMA NOVA CONSCIÊNCIA CÓSMICA

*Jurema Reis de Oliveira Guterres*(\*)

## 1. INTRODUÇÃO

Hélio de Oliveira Santos<sup>(1)</sup> denuncia as diversas formas de violência social contra a criança, destacando, dentre várias outras, aquela que se revela na relação menor X trabalho.

Pretende-se, nestas breves reflexões, questionar-se, na esteira do cotidiano da criança trabalhadora, dentre as inúmeras expressões de violência, aquela que ocorre nos limites da fábrica. Esta forma de agressão tem relação estreita com as condições do ambiente de trabalho. Além do dano físico, o ambiente de trabalho enseja o dano em nível mental, já que as crianças não somente estão expostas aos perigos no dia a dia da fábrica, mas, ainda, participam de práticas defensivas, que, por ironia, para vencer a dor provocada pelo medo, constituem situações de risco.

Pretende-se, ainda, na temática da violência na relação menor X trabalho, refletir sobre a expropriação do poder criador da criança trabalhadora, com a separação do ato de fazer do ato de pensar, estratificada na organização do trabalho e que tem suas raízes profundamente plantadas num projeto maior de incapacitação do homem como cidadão, como ser humano, e que aumenta a carga psíquica de sofrimento na fábrica e em função da fábrica. Lembre-se, aqui, que a fábrica faz parte de um contexto maior e nada mais é do que uma das instituições que refletem o projeto

---

(\*) *Juiza do Trabalho da 4ª Região e Professora de Ética Profissional junto à FEEV.ALE, em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.*

(1) *Hélio de Oliveira Santos. Crianças Espancadas - Campinas, SP: Papyrus, 1987, págs. 14/16*

político-ideológico da superestrutura da sociedade brasileira, tal como definida por Gramsci<sup>(2)</sup>

Assim como a família, a igreja, a escola, o "chão de fábrica" é apenas mais um dos redutos ideológicos onde o ser humano é adestrado para servir os propósitos de uma elite enclausurada nas grades do seu próprio egoísmo

Todavia, a marcha incessante de uma nova era, fundada nos alicerces de uma ética comprometida com o "novo sujeito histórico" - expressão de Antonio Carlos Wolkmer<sup>(3)</sup> - a que estão sendo subjugadas as instituições brasileiras e, em especial, a sociedade civil e o Estado ressoa nas relações de produção, em busca do homem integral

É de se questionar, em consequência e por derradeiro, se a consciência histórica das relações de produção, finalmente encontrou seu *insight* nos Programas para a Qualidade Total e, como preconiza a Consultora Empresarial, Marina Gomide Leite<sup>(4)</sup>, "( ) a ampliação da consciência humana caminha a passos largos e os Programas para a Qualidade Total respondem, na versão empresarial, como mecanismos mediadores ou como elementos conciliadores de tudo que se encontrava dividido e atomizado na sociedade, inclusive entre homem-empresa"

## 2 DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Segundo dados da Fundacentro<sup>(5)</sup>, dos trabalhadores com carteira assinada e que são encaminhados para o seguro previdenciário, 2.5 milhões sofrem acidentes de trabalho por ano sendo que há uma morte a cada duas horas e 300 mil trabalhadores inválidos nos últimos anos

---

(2) Maria Antonieta Macciocchi *A favor de Gramsci* Rio de Janeiro Paz e Terra, 1977, pags 150/151

(3) Antonio Carlos Wolkmer *Artigo "Contribuição para o projeto da juridicidade alternativa", "in" Lições de Direito Alternativo/Edmundo Lima de Arruda Junior (org) São Paulo Acadêmia 1991, pag 28*

(4) Marina Gomide Leite - *artigo Holografia, Ampliação da Consciência e Qualidade Total o Elo Necessário - "in" Suplemento Tendências em RH, Jornal Trabalhista, Ano X, nº 475, Brasília, 11 de outubro de 1993, pag 5*

(5) *Dados publicados no Jornal Zero Hora, de 25 de março de 1994, sob o título "Numeros desastrosos", pag 46*

De acordo com estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a taxa de atividade infantil no Brasil, em 1990, atingiu 17.2%, sendo que somente 25.6 % têm carteira assinada pelo empregador<sup>(6)</sup>

Os dados são extremamente graves, na medida em que se constata que o ambiente de trabalho não só mata, mas, sobretudo, mutila milhões de crianças trabalhadoras no Brasil. É, pois, de importância, que se reflita sobre as condições de trabalho.

"Por condição de trabalho", refere Christophe Dejours<sup>(7)</sup>, "é preciso entender, antes de tudo, ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude, etc.), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças, etc), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho".

Além do dano físico, por si só considerável, como antes se viu, não há como se desconhecer o dano moral, que é assumido individualmente pelo trabalhador.

Christophe Dejours<sup>(8)</sup> assinala que, "Se a relação corpo-condições de trabalho muitas vezes é estudada corretamente, ao contrário, **nunca se fez menção das repercussões do perigo real a nível mental (sem grifo, no original), da carga (de trabalho) psíquica inerente ao trabalho perigoso que, entretanto, faz parte do desgaste do organismo (astreinte). O medo relativo ao risco pode ficar sensivelmente amplificado pelo desconhecimento dos limites deste risco ou pela ignorância dos métodos de prevenção eficazes. Além de ser um coeficiente de multiplicação do medo, a ignorância aumenta também o custo mental ou psíquico do trabalho"** (com grifo, no original).

Seja porque o trabalhador sabe da existência de riscos a que está, diuturnamente, submetido, seja porque ignora os meios suficientes e capazes de assegurar-lhe efetiva segurança, seja, por fim, porque percebe que os meios de proteção são deixados de lado, em busca de maior produtividade,

---

(6) *Artigo publicado no Jornal Zero Hora, de 14 de março de 1994, sob o título "Brasil só perde para o Paraguai e o Haiti em mão-de-obra infantil", pág. 16*

(7) *Christophe Dejours - A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho; tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira - São Paulo: Cortez - Oboré, 1991, pág. 25.*

(8) *Christophe Dejours, op. cit, pág. 66.*

o obreiro assume, individualmente, o medo e, coletivamente, o sofrimento decorrente.

É, ainda, importante notar, como refere Christophe Dejours<sup>(9)</sup>, que os trabalhadores, ante a pressão e a dor provocadas pelo medo, articulam-se, coletivamente, em um sistema defensivo, que o autor em estudo denomina "ideologia ocupacional defensiva".

Tendo-se como exemplo o trabalhador da construção civil, cujos riscos e acidentes mortais são de conhecimento público, a ideologia ocupacional defensiva fundamenta-se, basicamente, em: a) pseudo-inconsciência do perigo; b) caráter coletivo.

No primeiro fundamento, as atitudes de negação e desprezo pelo perigo são uma simples inversão da afirmação relativa ao risco. Acresça-se, ainda, o risco provocado pelos trabalhadores, em performances pessoais e de verdadeiros concursos de habilidade e bravura. "Criar uma situação ou agravá-la é, de certo modo, dominá-la. Este estratagema tem um valor simbólico que afirma a iniciativa e o domínio dos trabalhadores sobre o perigo, não o inverso"<sup>(10)</sup>

Já no segundo fundamento, "a eficácia simbólica da estratégia defensiva somente é assegurada pela participação de todos. Ninguém pode ter medo. Ninguém deve demonstrá-lo. Ninguém pode ficar à margem deste código profissional ( ... )"<sup>(11)</sup>.

Através do referencial teórico traduzido por Dejours, não é difícil, agora, a releitura do sentimento operário pendurado em frágeis andaimes na construção civil. Não é difícil, também, a compreensão dos riscos a que se jogam, muitas vezes, em brincadeiras, aos olhos leigos, estúpidas e infantis.

Todavia, tratam-se de práticas defensivas, não contra o risco físico, este reconhecidamente inevitável, mas, e sobretudo, contra a dor, o sofrimento a que está, o trabalhador, sujeito no ambiente de trabalho.

---

<sup>(9)</sup> *Christophe Dejours, op. cit, págs. 70/71*

<sup>(10)</sup> *Christophe Dejours, op. cit. pág. 70*

<sup>(11)</sup> *Christophe Dejours, op. cit., pág. 71*

Os dados estatísticos antes enunciados são bastante em evidenciar a omissão do empregador, engenheiros, médicos e supervisores, seja na informação transparente quanto aos riscos que estão sujeitos os operários, seja no controle efetivo das condições de trabalho, ou, pelo menos, no enfrentamento da matéria em debate, de forma lúcida, legal, ética, social e preventiva, com efetiva democratização das informações e do conhecimento técnico sobre os riscos no ambiente de trabalho.

### 3. DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Aqui, pretende-se declassificar o escuro labirinto do conteúdo significativo do trabalho. E, antes de mais nada, é necessário que se reporte à Administração Científica, conjunto de estudos desenvolvidos por Frederick Winslow Taylor (1856-1915), em que teoriza a racionalização do processo de trabalho.

Para se entender a racionalização pretendida por Taylor, reflita-se, ainda, sobre os operários da construção civil: "O pé de cada pedreiro", asseveram Luzia Margareth Rago e Eduardo F. P. Moreira<sup>(12)</sup>, "deve ocupar uma posição determinada em relação à parede, ao balde de argamassa e à pilha de tijolos. A altura do balde e da pilha de tijolos deve ser aquela que possibilite um maior conforto ao pedreiro e minimize o número de movimentos necessários para assentar cada tijolo. Todos eles (o pedreiro e os materiais) ficarão em cima de um andaime que é ajustado por um operário especificamente treinado, alocado para ir subindo o andaime conforme a parede for-se elevando".

"Um outro operário", prosseguem os autores, "especificamente treinado deve ir preparando baldes de argamassa e substituir os baldes vazios de cada pedreiro, de modo que eles não precisem descer do andaime. Enquanto isso, um outro operário especificamente treinado deve ir selecionando e colocando em pilhas os tijolos que forem descarregados pelo terceiro operário especificamente treinado na melhor forma de descarregar os tijolos do caminhão. Este será dirigido por um motorista especificamente treinado na condução de caminhões de tijolos".

---

(12) Luzia Margareth Rago/Eduardo F.P. Moreira - *O que é taylorismo* - São Paulo, Brasiliense, 1993, pág. 13/14.

Por fim, aduzem, os autores, que, "Ao lado de todos estes trabalhadores especificamente treinados estão os gerentes, aqueles que dominam a ciência do assentamento dos tijolos e portanto os que podem determinar o que e como cada trabalhador deve fazer. São os gerentes que treinam os operários para trabalharem com os novos métodos. São eles que explicam, auxiliam, encorajam cada trabalhador individualmente, ao mesmo tempo que controlam a produção de cada um a fim de recompensar monetariamente aqueles que seguiram corretamente as normas de trabalho impostas. Por outro lado, são também eles que decidem pela dispensa daqueles operários cuja ignorância e preconceito impedem de perceber as vantagens das normas científicas do trabalho para ambas as partes".

O exemplo dos operários da construção civil, evidencia, por outro lado, que a introdução dos princípios da Administração Científica, determinou, segundo Lindomar Wessler Boneti<sup>(13)</sup>, a "expropriação do poder criador do operário, com a separação do ato de fazer do ato de pensar". Com efeito, analisando-se o trabalhador, individualmente considerado, não é difícil perceber-se o condicionamento físico que lhe é imposto pela organização do trabalho, como proposto por Taylor. Está, pois, o homem amordaçado em movimentos repetitivos, monótonos, condicionados. Num corpo assim cronometrado, a mente, a emoção, a capacidade intelectual, ficam, assim, também, numa camisa de força, sem expressão, sem estímulos, inúteis, inexistentes.

O poder criador do operário, desta forma enjaulado, opaco, sem vida, transforma o homem simples, o homem do povo, nas relações que mantém com o mundo, em meros contatos, como tem afirmado Paulo Freire<sup>(14)</sup>. É um homem sem passado, sem presente e, destituído de sua capacidade criadora, sem futuro.

É justo do trabalho, da sua relação histórica com a natureza, com o dominar a natureza, com o reconhecer a natureza, com o transformar a natureza, da dialética que tem mantido com a natureza, o homem tem construído não só o passado, ou o conhecimento comum da humanidade, mas, sobretudo, o seu presente, e, mais do que isto, com a projeção daquele conhecimento, tem delineado seu futuro.

---

(13) Lindomar Wessler Boneti - artigo "O trabalho e a Expropriação do Poder Criador" - "in" revista *Contexto & Educação* / Universidade de Ijuí, Pró-reitoria de pesquisa e extensão - v.1, n.1, Ujuí: Liv. UNIJUI Ed., 1986.

(14) Paulo Freire. *Educação como prática da liberdade*. 13ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, pág. 40.

Destituído, contudo, o trabalhador, das experiências da vida, ceifando-se-lhe a possibilidade de participar do saber universal, mais do que a expropriação do saber, tem-se-lhe imposto a violência do não ser, de exclusão do contexto histórico.

E, apesar das críticas à teoria da Gerência Científica, a perversidade dos conceitos nela estruturados estão hoje tão presentes na vida operária, como se fossem recentemente formulados.

Com efeito, acentua Christophe Dejours <sup>(15)</sup> "Do discurso operário podem-se extrair vários temas que se repetem obstinadamente como um refrão obsessivo. Não há um só texto, uma só entrevista, uma só pesquisa ou greve em que não apareça, sob suas múltiplas variantes, o tema da dignidade operária. Sentimento experimentado maciçamente na classe operária: o da vergonha de ser robotizado, de não ser mais que um apêndice da máquina, às vezes de ser sujo, de não ter mais imaginação ou inteligência, de estar despersonalizado etc. É do contato forçado com uma tarefa desinteressante que nasce uma imagem de indignidade. A falta de significação, a frustração narcísica, a inutilidade dos gestos, formam, ciclo por ciclo, uma imagem narcísica pálida, feia, miserável. Outra vivência, não menos presente do que a da indignidade, o sentimento de inutilidade remete, primeiramente, à falta de qualificação e de finalidade do trabalho. O operário da linha de produção como o escriturário de um serviço de contabilidade muitas vezes não conhecem a própria significação de seu trabalho em relação ao conjunto da atividade da empresa. Mas, mais do que isso, sua tarefa não tem significação humana. Ela não significa nada para a família, nem para os amigos, nem para o grupo social e nem para o quadro de um ideal social, altruísta, humanista ou político" (com grifo, no original).

Tendo presente a realidade antes inscrita de sofrimento do operário, aqui, também, o homem tem buscado alternativas defensivas. Todavia, tais alternativas, ao contrário daquelas engendradas face aos riscos no ambiente de trabalho, são assumidas de forma solitária (lembre-se, aqui, também, o vício, a violência, a loucura), e reforçam a estratégia para que o "próprio operário torne-se o artesão de seu sofrimento"<sup>(16)</sup>

Com efeito, não é desconhecido o esforço imprescindível para o condicionamento físico necessário à execução de uma tarefa desinteressante,

---

(15) *Christophe Dejours, op. cit., pág. 49.*

(16) *Christophe Dejours, op. cit., pág. 47.*

sem objetivos concretos, repetitiva, monótona. O condicionamento, para ser eficaz, extrapola os limites da fábrica e contamina o tempo fora do trabalho. Assim, o operário, mesmo na sua vida cotidiana, impõe-se o condicionamento do agir cadenciado e repetitivo, como prática defensiva, pois não há como se mensurar a medida do sofrimento causado pelo auto-condicionamento mental. Por outras palavras, não há como atingir um condicionamento produtivo se, nos intervalos para descanso e lazer, o operário abandonar o condicionamento mental necessário para atingir os parâmetros temporais produtivos exigidos nos limites da fábrica. Assim, no tempo fora do trabalho, o trabalhador é, por ironia, "o artesão de seu sofrimento", agora, não sob a fiscalização do gerente, do mestre de obras, mas sob seu próprio jugo e grilhão.

Em resumo, se não bastasse o sofrimento, a separação do ato de fazer do ato de pensar é suficiente para incriminar uma organização do trabalho que tem como objetivo maior, não a racionalização dos métodos produtivos, mas, e sobretudo, manter a mente operária aprisionada num tempo constante e imutável, como das eras iletradas da humanidade, invocando, aqui, novamente, as lições de Paulo Freire<sup>(17)</sup>.

#### 4. DA CONSCIÊNCIA CÓSMICA

"No chão de fábrica", assevera o engenheiro Vicente Falconi Campos<sup>(18)</sup> especialista em programas de qualidade total no Brasil, "estão 98% das pessoas que trabalham na empresa, elas é que na verdade conduzem a rotina diária".

Para Falconi, "O TCQ" (Total Quality Control) "é um sistema de gestão, gradual, que necessita de constante difusão. Vai além, da implantação dos círculos de controle da qualidade (CCQs), além, ainda, da Reengenharia (...)". Mais, ainda, prossegue o professor, "O TQC procura harmonizar as necessidades de quatro tipos de pessoas", que são os clientes, os acionistas, os empregados e os vizinhos. "De nada adianta satisfazer o

---

(17) Paulo Freire, *op. cit.*, pág. 41.

(18) Vicente Falconi Campos, citado no artigo "Qualidade implica na satisfação de todos", de Nilo Cabral, *Jornal NH*, de 18 de abril de 1994, pág. 8.

cliente". assevera Falconi, "se não houver a meta de satisfazer acionistas, empregados, vizinhos"<sup>(19)</sup>.

Constatado que "o chão de fábrica" corresponde a 98% das pessoas que trabalham na empresa, e presente, ainda, o "homos economics", aquele, moldado por Taylor, é de se questionar se é imaginável o salto qualitativo entre o homem antes analisado e o pretendido pela nova consciência, agora cósmica, tal como analisado pela Consultora Empresarial, Marina Gomide Leite?

Por certo há que se buscar novos caminhos, para que o "chão de fábrica", finalmente, emancipe-se, para que, no contexto global, participe de uma história comum a toda a humanidade, não única, mas, pelo menos, eticamente aceitável.

Todavia, quando refere o especialista Falconi Campos, que "Em cada unidade da empresa, há quatro funções: a operacional, a supervisora, a de Staff (assessoria ao gerenciamento) a de gerenciamento" e, mais do que isto, quando, singularmente, são definidas as atribuições de cada uma daquelas funções, como o faz Nilo Cabral<sup>(20)</sup>, na reportagem que subsidia as presentes reflexões, é de se examinar e refletir sobre o sistema, com a devida cautela. "Ao operador", assevera o responsável pela matéria jornalística, "cabe as funções únicas de operar, segundo um padrão. O padrão operacional deve ser constantemente observado pelo supervisor ( ... )" que, ao "verificar anomalias no processo produtivo ( ... ), cabe-lhe, então, tomar uma ação para corrigir e fazer um relatório causal". Mais adiante, assegura, ainda, que "Ao gerente cabe a tarefa de atingir metas, e nada mais ". (...) "O Staff, finalmente, colabora com o gerente para atingir as metas".

Não se percebe, na descrição de cada uma das funções acima enumeradas, a mesma cadência, a mesma divisão mecanicista, da racionalização do trabalho, pretendida pelo pai da Gerência Científica? Além do tempo e métodos de trabalho, não se percebe, na expressão "qualidade total", um fator a mais de angústia na vida cotidiana do operário: **a superação do erro total?**

---

(19) *Vicente Falconi Campos, op. cit., mesma página.*

(20) *Nilo Cabral, autor da reportagem com Vicente Falconi Campos, op. cit., mesma página*

Ouçá-se, então, o operador de retífica para vira-brequi, Arnildo Pereira <sup>(21)</sup>, 35 anos, ( ) com mais de 12 certificados de treinamento na empresa ( ), como narra Nilo Cabral, agora na reportagem "A magia da qualidade Stihl leopoldense", que assevera "Como no meu caso, vê, só, eu não posso errar, se não dificilmente vou conseguir atingir o objetivo Tenho hoje que atingir uma cifra de 97% e um índice de sucata de 0,5 % ( ) "O erro é praticamente impossível ( )" e "A gente quer atingir os objetivos por dois motivos: porque a gente se sente responsável e porque somos premiados"

E, certamente, não é sem razão que a professora Marina Gomide Leite <sup>(22)</sup> assevera que, "( ) o boom dos Programas para a Qualidade total tem causado grande perplexidade e ceticismo porque, se por um lado sua incorporação à indústria e aos serviços já é identificada como uma megatendência, por outro, enfrenta dificuldades para decolar na dimensão humana, restando aos projetos de educação e treinamento, no mínimo, a responsabilidade como mediadores entre a certeza do cenário econômico-social de que o **Total Quality Control** é a saída para o desenvolvimento das nações e a dúvida intrínseca dos atores organizacionais quanto a sua validade em termos de melhoria de qualidade de vida" (sem grifo, no original)

E, quando se enfrenta a problemática da violência contra a criança na relação menor X trabalho, é, justamente, a **dimensão humana** que jaz, esquecida, no labirinto do cotidiano das relações de produção E na trama do tecido daquelas relações que esta, subjugada, num fio de linha qualquer, a resposta do poder econômico a criança, que, na trilha do "inconsciente coletivo" de Jung, vem estruturando, "tijolo por tijolo", como diria Chico Buarque de Holanda, na imemorable "Construção", uma nova consciência, para além do cérebro

Neste sentido, Stanislaw Grof<sup>(23)</sup>, assevera que "As experiências transpessoais têm muitas características estranhas que abalam as suposições mais fundamentais da ciência materialista e da visão mecanicista do mundo Embora essas experiências ocorram no processo de

---

(21) Nilo Cabral Artigo "A magia da qualidade Stihl leopoldense", "in" jornal NH, de 25 de abril de 1994, pag 6

(22) Marina Gomide Leite, op cit, pag 4

(23) Stanislaw Grof *Alem do cérebro nascimento, morte e transcendência em psicoterapia* tradução Wanda de Oliveira Roselli, revisão técnica Doucy Douek, Vicente Galvão Parizi, São Paulo Mc-Graw-Hill, 1987, pags 94/95

profunda auto-exploração individual, é impossível interpretá-las simplesmente como fenômenos intrapsíquicos no sentido convencional. ( ... ) Os fenômenos transpessoais revelam conexões entre o indivíduo e o cosmos que, no presente, parecem além de qualquer compreensão. Tudo que podemos dizer a esse respeito é que em alguma parte do processo de desdobramento do perinatal parece acontecer um estranho salto qualitativo, à maneira de Möbius, no qual uma profunda exploração do inconsciente individual transforma-se num processo de aventuras experienciais no universo total, envolvendo o que pode ser melhor descrito como mente superconsciente".

Resta, portanto, o desafio ao empregador, e aqui não se cogita, em particular, do pequeno e do médio empresários, que, no labirinto nebuloso da política econômico-social brasileira, encontram-se, hoje, quase no mesmo nível do operário do chão de fábrica, mas daquele que detém o poder econômico, que detém os frutos do trabalho de milhões de brasileiros, resta, pois, o desafio, da exploração de vidas passadas, quando então, quem sabe, acalentava, nos seus braços, o peão de sua fábrica, ou, que, no futuro, não muito longe, cheguem ambos, o empregador e o peão, anelados numa mesma energia que se diz, hoje, holística, e que, na verdade, se traduz numa mente superconsciente...

Mística? No particular, rendem-se, novamente, as presentes reflexões, à lúcida consultora empresarial, Marina Gomide Leite, que assevera<sup>(24)</sup> "Pierre Weil e Roberto Crema, ao comentarem a visão holística, propõem o encontro entre a legítima ciência e a legítima tradição, na direção de uma síntese que transcenderia a ambas. **Porque a ciência, como afirma Fritjof Capra, não necessita da mística, e esta não necessita daquela, mas o homem, contudo, necessita de ambas**" (sem grifo, no original).

De qualquer sorte, mesmo abandonando a mística, não resta outra alternativa às forças de produção, no momento histórico em que as forças político-ideológicas da sociedade civil e do próprio Estado emergem do lodaçal de sua própria inconsciência ética, não resta outra alternativa às forças de produção, repita-se, do que um repensar comprometido com os valores essenciais do homem, inclusive do homem simples, do homem do povo. Já é tempo de o empresário, tal como Maria Antonieta<sup>(25)</sup>, abandonar a

---

(24) Marina Gomide Leite, *op. cit.*, pág. 5.

(25) "Se não têm pães, que comam brioches!" esta frase", assevera Renato Janine Ribeiro, em seu artigo *A Corte antes da Revolução*, inserido na *Revista Superinteressante*, ano 3, n 2, junho 1989, Editora Abril, pág. 30, "ficou para a

idéia alienante de oferecer "brioches" ao povo. quebre nos portões de grades que, pretende, sejam suficientes (somados aos cães raivosos e dispositivos de segurança altamente sofisticados) como proteção contra a fome, ainda individualmente violenta, ou, ainda, escamoteada nos arrastões que, insiste a mídia, reduzem-se aos limites da Cidade Maravilhosa, tão somente...

Por certo, a criança trabalhadora, a criança do "chão de fábrica", agradecerá por este tempo presente: porque, do futuro da humanidade, neste planeta chamado Terra, dado que tarda um agir verdadeiro e comprometido, não participará, muito embora clame, desesperadamente, por uma nova consciência cósmica...

#### 4. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BONETI, Lindomar Wessler Artigo "O trabalho e a Expropriação do Poder Criador", "in" Revista Contexto & Educação/Universidade de Ijuí, Pró-reitoria de pesquisa e extensão - v 1, n 1, Ijuí Liv UNIUI Ed 1986

-CABRAL, Nilo Artigo "Qualidade implica na satisfação de todos", "in" Jornal NH, de 18 de abril de 1994 e artigo "A magia da qualidade Stihl leopoldense", "in" Jornal NH, de 25 de abril de 1994

-CAMPOS, Vicente Falconi Citado na reportagem de Nilo Cabral, conforme acima

-DEJOURS, Christophe A loucura do Trabalho estudo de psicopatologia do trabalho tradução de Ana Isabel Paraguav e Lúcia Leal Ferreira - São Pulo Cortez - Obore, 1991

-E, A Artigo "Brasil só perde para o Paraguai e o Haiti em mão-de-obra infantil", "in" Jornal Zero Hora, de 14 de março de 1994

-FACCIO, Liane Artigo "Campanha previne acidente no Campo", "in" jornal Zero Hora, de 25 de março de 1994

---

*...História, simbolizando", dizem alguns, "a frieza que a rainha Maria Antonieta sentiria pela sorte dos súditos franceses mais pobres (...). Tudo indica, porém, que a rainha sugeriu que os pobres comessem brioches por pura ingenuidade, ignorando a dimensão da miséria de seu povo".*

-FREIRE, Paulo Educação como prática da liberdade 13ª ed Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982

-GROF, Stanislaw Além do cérebro nascimento, morte e transcendência em psicoterapia Tradução Wanda de Oliveira Roselli, revisão técnica Doucy Douek, Vicente Galvão Parizi São Paulo Mc-Graw, HILL, 1987

-LEITE, Marina Gomide Artigo Holografia. Ampliação da Consciência e Qualidade Total o Elo Necessário, "in" Suplemento Tendências em RH, Jornal Trabalhista, Ano X, nº 475, Brasília, 11 de outubro de 1993

-MACCIOCCI, Maria Antonieta A favor de Gramsci Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977

-RAGO, Luzia Margareth/Eduardo F P Moreira O que é taylorismo São Paulo, Brasiliense, 1993

-RIBEIRO, Renato Janine Artigo "A Corte antes da Revolução", "in" Revista SUPER-interessante, Ano 3, nº 2, junho, 1989, Editora Abril

-SANTOS, Hélio de Oliveira Crianças Espancadas Campinas, SP Papirus, 1987

-WOLKMER, Antonio Carlos Artigo "Contribuição para o projeto da juridicidade alternativa", "in" Lições de Direito Alternativo/Edmundo Lima de Arruda Junior (org ) São Paulo Acadêmica, 1991